

Betty Milan

QUANDO PARIS CINTILA
(crônicas)



SUMÁRIO

1. Quando Paris cintila	13
2. Quando a palavra Proust é mágica	17
3. Quando se fala a língua do coração	20
4. Quando o engano é revelador	23
5. Quando o olhar surpreende	26
6. Quando a certeza da vida vacila	29
7. Quando a mudança é essencial	32
8. Quando a saudade é uma garantia	36
9. Quando a <i>Bíblia</i> se impõe	39
10. Quando a velhice é sorridente	42
11. Quando o valor não é objetivo	45
12. Quando a vaca ensina	48
13. Quando a morte é anunciada	51
14. Quando a vizinhança é boa	54
15. Quando viajar é uma graça	57
16. Quando a igreja é brasileira	60
17. Quando a noite é do falanjo	64
18. Quando o faz de conta é essencial	67
19. Quando a língua é materna	70
20. Quando o artista fala e diz	73
21. Quando Confúcio lembra Hemingway	76
22. Quando o Buda aparece	79

23. Quando o turista é um aprendiz	82
24. Quando o médico é um lama	85
25. Quando o desperdício é imoral	89
26. Quando o museu é exemplar	92
27. Quando você desembarca na Índia	95
28. Quando o horror ensina	98
29. Quando o indiano diz <i>sim</i>	101
30. Quando o olhar é diferente	105
31. Quando a arte arrebatava	108
32. Quando o tempo passa sem passar	111
33. Quando a árvore é uma grinalda	115
 Notas	 121

I

QUANDO PARIS CINTILA

para ir bem longe, não é preciso caminhar muito

André Breton (*) dizia que a aventura mora na esquina

é primavera e é pôr do sol, um convite ao passeio

em frente do Hôtel de Ville, vejo uma árvore já carregada
de flores

não são propriamente roxas, e sim *mauves*, lilás, uma cor que
predomina nos países do Norte

por causa do *mauve*, sigo para a Notre-Dame, ver aí o
jardim

atravesso o Sena e logo chego no adro da igreja

na porta, os fiéis compram ramos de uma planta que eu desconheço

pergunto o nome e o homem que vende me diz *buis*

percebendo que a palavra nada significa para mim, ele me dá um ramo

não me ignora por eu ser estrangeira e não estar a fim de comprar

me inclui delicadamente entre os fiéis, e eu tenho vontade de entrar na igreja

não tenho como atravessar a porta sem me deter na talha de madeira, que, de alto a baixo, é esculpida com galhos e folhas

trata-se de uma versão ocidental do arabesco

tanto admiro a talha quanto o fato de nunca ter reparado nela

o Oriente estava a dois passos, e eu não sabia

assim somos

vai-se fazer o quê?

o fato é que eu entro e me aproximo do altar onde o padre
lê um fragmento da *Paixão segundo São Lucas*

ouço-o evocar o que os chefes dos padres e dos escribas dizem a Pilatos sobre o Cristo: “— Encontramos este homem semeando a desordem. Ele impede os outros de pagar os impostos e afirma que é o Rei Messias”

ouço a frase olhando para as duas rosáceas do transepto

vistas à luz do ocaso e dos lustres de lâmpadas que simulam velas, são tão irreais quanto as noites claras de luar

ainda que o Cristo só tivesse nascido para inspirar os homens que, séculos depois, fizeram os vitrais de Notre-Dame (**), ele mereceria ser chamado de Salvador

porque com a arte a gente se salva

bastou ter olhado as rosáceas e ter tido a ideia de escrever um texto cujo título seria *Quando Paris cintila* para sair da igreja salva, feliz

Paris, 2003

QUANDO A PALAVRA PROUST É MÁGICA

o fato de ser tomada por uma pessoa estranha sempre incomoda

nem sempre, no entanto, o estranhamento é ruim

em Paris, eu gosto de ir à biblioteca do bairro para escrever

como o espaço é para consulta, esse comportamento pode ser considerado estranho

nunca havia pensado nisso e é provável que, sem a pergunta do meu vizinho de mesa, nunca viesse a pensar

— Você faz o quê?, quer saber o rapaz, que, pelos cabelos loiros, parece um anjo saído do quadro de um pintor nórdico

um anjo de um retábulo alsaciano

me surpreendo com o fato de não ter me dado conta da sua presença e digo que estou escrevendo um romance

— Um romance?, e ele fixa o olhar no meu caderno

ponho a mão em cima para esconder as rasuras e digo que é *difficilimo* escrever, imaginando acabar assim com qualquer ilusão sobre o meu ofício

qual nada

— Romancista!, exclama ele, quase sem acreditar no que ouve, e já indagando se acaso é o meu primeiro romance

— Não, mas nunca é fácil

a resposta, que poderia ter levado o meu vizinho a pôr os pés no chão, o faz sonhar ainda mais e concluir: “— Você vive tardes proustianas (*) aqui”

— Tardes proustianas!, repito, tão surpresa quanto contente
como pode ele ter tido essa ideia?

e a perplexidade cresce até eu concluir que o importante é
ter gostado da ideia que tornava sublimes tardes infernais

sem saber, o anjo nórdico tingiu a minha hora de azul

talvez, aliás, para que a dele se tornasse melhor

para sair da biblioteca, onde ele estudava para um exame
difícilimo de matemática, e entrar imaginando num salão li-
terário

para escapar à realidade e se livrar do sofrimento imposto
pelo trabalho

a referência a Proust nos fez passar de um lugar real a um lu-
gar imaginário, onde não há exames nem etapas a transpor

onde tudo é reconhecimento

Paris, 2003

QUANDO SE FALA A LÍNGUA DO CORAÇÃO

basta não ser insensível à magia para que ela aconteça

eu andava carregando dois pacotes em cada mão quando vi
Jacinta, cantora argentina de tango, que também vive na
Rue des Archives, se aproximar

boné preto, echarpe vermelha, *le rouge et le noir* (*)

cumprimentei-a, elogiando pela cara ótima

“— Verdade?”, respondeu ela, contando que havia semanas
ensaiava todas as noites para o “espetáculo de Dunquerque”
e mal conseguia abrir o olho de tanto sono

tango em Dunquerque (**)?

não consegui imaginar a cena e só comentei que ela estava tão carregada quanto eu, lamentando depois o fato de termos que fazer compras

“— O quê? Você não gosta?”, disse Jacinta surpreendida, acrescentando, com o seu sotaque argentino, que adorava ir ao mercado e, se não tivesse ido, não teria no cesto o belo peixe de nome *julienne* e o meio quilo de camarões

talvez pela vontade de comer *julienne* com camarão, continuei a escutar

ouvi então uma pequena história comovente

sobre a própria Jacinta e um padeiro francês, “que todo domingo vende o melhor dos pães no mercado”

ela cantou para ele uma canção de ninar

comovido, ele deu a ela o pão de graça “porque há coisas que a gente não vende, troca”

as coisas que vêm do coração, pensei, ouvindo a vizinha argentina, em quem nunca antes havia prestado atenção

por ela ser cantora e eu escritora?

por ela falar espanhol e eu português?

fosse como fosse, sem a história do padeiro, não teria descoberto que eu e ela falamos a mesmíssima língua

a língua dos artistas, que são sensíveis ao pequeno artesão por saberem que o canto, o texto e o pão só podem ser bons se tiverem a marca do coração

marca que não tem nacionalidade

não é espanhola nem portuguesa, é universal

Paris, 2003

QUANDO O ENGANO É REVELADOR

a tudo nós preferimos imaginar

a frase “Navegar é preciso, viver não” é a expressão disso

sempre pensei que ela tivesse sido escrita por Fernando Pessoa

talvez porque esteja na abertura de sua *Obra poética*

ou por causa do verso afirmativo “O mar sem fim é português”

talvez eu tenha imaginado que fosse de autoria do poeta por outra razão inteiramente subjetiva

pela certeza íntima de que uma ideia tão pertinente só pode ter surgido na língua natal

a língua em que as ideias brotam e nos tocam verdadeiramente

seja como for, a fantasia foi desmentida por um amigo português, um editor: “— Nunca li a frase em Pessoa”, me disse ele

“— O quê? Como?”, insisti, duvidando do que havia escutado

o amigo citou a frase em latim, dando a entender que era antiga

nesse mesmo dia, li que ela circulava na Liga Hanseática, entidade econômica da Europa medieval, que reunia 150 cidades e era formada por homens que viviam do mar, exportando peixe seco e importando cereal – uma liga de navegantes e mercadores germânicos

li ainda que os reis dos *vikings* – ancestrais dos suecos e noruegueses – foram enterrados nos próprios navios por acre-

ditarem que, para além da morte, existia uma vida e, a fim de alcançá-la, era preciso navegar

me ocorreu primeiro que a frase podia ter sido o lema dos *vikings*

depois, que ela diz respeito aos brasileiros, aos portugueses, aos germânicos, aos nórdicos e aos outros todos

por expressar uma verdade universal, dizer o quão prioritário o sonho é, a fantasia

o quanto nós amamos a nossa imaginação, a liberdade de existir como desejamos

sem essa liberdade, não teria sido possível resistir aos campos de concentração, ao *gulag* (*), ao Carandiru

Oslo, 2005

QUANDO O OLHAR SURPREENDE

olho da janela para a árvore cujos galhos foram cortados

tinha uma copa tão generosa que eu não sei como aceitar a
árvore sem ela

pela falta da copa, a árvore parece estar em falta comigo

sei que a poda é obrigatória

que ela serve para fortalecer a natureza, mas não me con-
formo

até que um dia o meu olhar deixa de ser saudosista e me
oferece uma árvore surreal

que Magritte (*) ou algum outro surrealista poderia ter pintado

porque o tronco e os galhos estão como no inverno, e as folhas, que o jardineiro intencionalmente deixou, estão viçosas como na primavera

uma justaposição surpreendente de elementos estranhos uns aos outros, tão inesperada quanto as justaposições do sonho

nos galhos secos do inverno, algumas folhas de verão

e as folhas são as mais verdes que eu vi

talvez, aliás, por serem residuais

devem ter a função de lembrar à árvore a copa que ela teve e a outra que ela pode conquistar – lembrá-la do seu destino

ao perceber isso, eu me digo que a realidade pode ser vista como uma cena onírica

que o mundo por isso nos encanta

para tanto, é preciso não sucumbir à força do hábito

não se deixar levar pela tendência natural a querer as coisas
como elas sempre foram, a olhar sempre para elas da mesma
maneira

depois de ter vivido a falta da copa, eu me regalei com a
árvore surreal, por aceitar que a identidade da árvore varia

lembrei que a existência implica a transfiguração, tudo passa

e concluí que é preciso estar continuamente atento para não
ser vítima da repetição

para evitar a cadaverização do corpo e da alma

só assim podemos ser longevos

idosos sem realmente envelhecer

Paris, 2003

6

QUANDO A CERTEZA DA VIDA VACILA

sempre que um conhecido morre, temos a mesma reação

morreu? como foi?

e o familiar ou algum amigo do morto começa a contar quando ele adoeceu, onde passou desta para outra, como estava na hora da passagem e como ficou depois

a nossa reação é vital

ouvindo a história sobre a morte, nós escapamos ao efeito paralisante da notícia funesta

comentando-a, aprofundamos a nossa relação com os vivos
e nos afastamos do morto

por isso, não há nada mais inconcebível do que ser informado do falecimento de um conhecido sem saber como o fato ocorreu

o *como* nos certifica de que não somos nós a vítima

ao recebermos a notícia, nós, que vivemos como se fôssemos imortais, nos damos conta de que não somos

a certeza da vida vacila

e é quando isso acontece que a nossa humanidade aflora

quando de repente percebemos que a vida não dá garantia

que nós também estamos sujeitos ao gongo

nessa hora, a dor alheia nos concerne

o homem que esmola recebe a sua moeda

o vizinho que quebrou a perna merece ser ajudado

o cego que passa nos faz imaginar a vida de quem não enxerga

por outro lado, celebramos o que nos contenta

a jabuticaba na árvore

o dia de céu azul, a lua em forma de adaga

a morte educa

ela ensina a não esbanjar a vida

a recusar esforços inúteis

a brindar a sorte quando esta nos brinda

Paris, 2004